

A EXPERIMENTAÇÃO E A CRIAÇÃO COM IMAGENS: UM MODO DE MULTIPLICAR EXISTÊNCIAS

Ariana Sousa de Moraes Sarmiento
Universidade do Estado de Santa Catarina
arianamsarmiento@gmail.com

Ana Maria H. Preve
Universidade do Estado de Santa Catarina
anamariapreve@gmail.com

Resumo

A escrita deste texto emerge com as inquietações surgidas durante uma prática pedagógica desenvolvida no componente curricular “projeto de vida”, com turmas de primeiro ano do Ensino médio, em uma escola pública do Estado de Santa Catarina. A questão colocada é sobre a possibilidade de traçar estratégias outras que apostem na formação enquanto algo que se experimenta e abre espaço para a multiplicação de existências. Nesse sentido, as experimentações com colagens foram utilizadas como dispositivo pedagógico cujo fim consistia em abrir espaços para a produção de diferença em sala de aula e a criação de sonhos de vida. As imagens que emergem da experimentação ocuparam um lugar de produção de realidade e multiplicaram as possibilidades de existência dos/das estudantes, gerando modos outros de habitar e criar mundos.

Palavras-Chave: Educação e experimentação; colagem; dispositivos pedagógicos; imagens como criação; projeto de vida.

Introdução

Ela tinha 16 anos. Cursava o primeiro ano do ensino médio em uma escola pública. Negra. Acima do peso de acordo com indicações médicas para a sua estatura, constantemente “zoada” na escola. Havia repetido nas séries anteriores. Vocabulário violento, costumava estar envolvida nos enfrentamentos com outras meninas e professores. Pouco se preocupava com o fato de ter que fazer alguma atividade proposta e fazia questão de demonstrar isso.

Provavelmente, não faltariam vozes carregadas de representações e imagens de pensamento sobre os possíveis presentes e futuros dessa estudante. Os debates cotidianos no ambiente escolar facilmente incluiriam alegações de que se ela quisesse, seria possível estudar e mudar de vida. Outros afirmariam que é uma questão de falta de limites. Na mesma linha de pensamento, livros repletos de orientações sobre estratégias para o planejamento de uma vida “útil” seriam sugeridos a fim de estabelecer-se um guia prático para enfrentar os problemas da vida cotidiana.

Seria possível nos deslocar desse lugar em que afirmamos já conhecer demasiadamente, inundado de receitas, para seguir em direção a uma aposta na formação enquanto algo que se

experimenta e abre espaço para a diferença? A formação escolar é povoada por representações sobre como ser um bom ou mau aluno, um bom ou mau professor e planejar uma “vida de sucesso”. Ailton Krenak (2020, p.108), nos relembra: “Uma operação de resgate tem como intuito salvar o corpo que está sendo flagelado e levá-lo para um outro lugar, onde será restaurado [...] até seguir operante na vida”. Contudo, e se partirmos da ideia de que a vida não tem utilidade nenhuma?

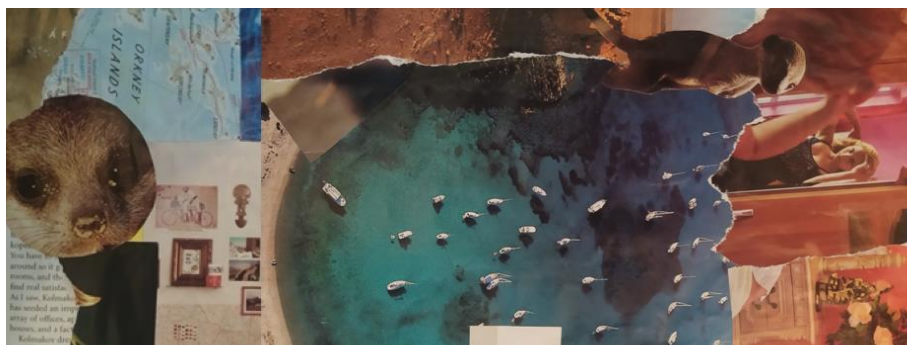
Schmidlin e Favero (2023, p.5) nos convidam a considerar a formação como algo que se experimenta em constante elaboração, que se constitui no devir, “tal qual um gesto de abertura para a experimentação [...] que borda conexões com a vida que pulsa freneticamente.” Seria possível experimentarmos algo semelhante também na educação básica? Como fazer proliferar histórias que combatam a imagem dogmática do pensamento que enrijece as palavras, portanto também a vida? Como cultivar gestos que desloquem tais imagens e nos provoquem enquanto professores, a construir outros modos de habitar/estar no mundo a partir do encontro com esses estudantes ou com tudo àquilo que está em uma sala de aula?

Esta escrita emerge com as inquietações que surgiram em uma prática pedagógica desenvolvida no componente curricular “projeto de vida”, com turmas de primeiro ano do Ensino médio, em uma escola pública. De acordo com a perspectiva adotada na Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/17), “criar um projeto de vida significa ter clareza sobre quem se é e sobre quem se deseja tornar no futuro” (SANTA CATARINA, 2020, p. 65).

Compreendendo a criação com imagens como um modo possível de multiplicar existências e afetada por tal perspectiva de “projeto de vida”, as práticas descritas neste trabalho buscaram deslocar os estudantes de uma ideia fixa sobre si e seus futuros para abrir brechas para movimentar-nos com as coisas a nossa volta. Experimentações feitas com colagens foram utilizadas enquanto dispositivo pedagógico, apostando-se na produção de diferença em sala de aula e na criação de sonhos de vida. As imagens que atravessam o texto foram criadas pelos estudantes e fazem parte do acervo da própria autora.

Experimentações, colagens e outras considerações

[...] no sonho de um mundo que seria inteiramente constituído a partir de um ato de vontade definido, há muito pouco amor pela matéria e pelo mundo, muito pouco interesse pela mudança e muito narcisismo e tentativa de transformar a realidade no seu próprio espelho. (Coccia, 2020, p.63)



VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS



Imagens de uma mulher com diferentes expressões são projetadas na parede junto com a palavra “Procu-ro-me!” Trata-se de uma obra da artista Lenora de Barros¹. Ela mostra diferentes autorretratos da autora com penteados variados e expressões de susto. O resultado se assemelha aos anúncios de pessoas desaparecidas. No centro da sala há um tecido estendido no chão. Sobre ele revistas, cola, tesoura, tintas e outros materiais dispostos. Um convite: Imagine que você entrou em um banheiro público e ao lavar as mãos se deparou com uma frase escrita no espelho: PROCURO-ME! Crie uma colagem que expresse por onde você se procura. Lembre-se: não somos estáticos, somos permeáveis.

Olhares confusos penetram a professora e os materiais. A professora mostra exemplos de colagens. Técnicas de seleção e justaposição de imagens encontradas ao acaso em diversas fontes (Vargas; Souza, 2011). De acordo com o artista Mauricio Planel, “O nascimento da colagem está ligado à transgressão. O artista se apropria de imagens para fazer o resgate de uma memória de maneira inusitada” (Magalhães, 2020). Não seria esse um caminho possível de aproximação com memórias esquecidas e transgressão de histórias vivas?

Guimarães (2010, p.18) propõe a noção de dispositivos pedagógicos e afirma: o dispositivo “introduz linhas ativadoras em um lugar, promovendo narrativas que não poderiam existir fora da sua ação”, direcionando experiências múltiplas que não buscam apenas documentar ou arquivar uma história vivida, mas viver uma história para poder criar, experienciar e contar. Se emprestarmos essa concepção, poderíamos pensar nesta prática pedagógica com a criação de colagens enquanto dispositivo capaz de mobilizar forças e instaurar algo enunciável no mundo, que sem sua ação não emergiria.

Uma aposta no cultivo de gestos de uma resistência inventiva que não exprime verdades, mas que “rasga a língua e o pensamento para expor novos problemas e, com as potências da arte, fazem vazar forças indizíveis, invisíveis e imprevisíveis” (Wunder; Marques; Amorim, 2016, p.110). De alguma maneira, ao pensar nas histórias narradas sobre a estudante descrita na abertura desse texto, com frequência, estamos preocupados em mudar a trajetória de alguém externo a nós mesmos ou a escrever suas histórias sem abalar as nossas estruturas, sem nos deixarmos misturar ou sem nos dispormos a reorganizar as imagens que carregamos conosco.

Ao entrar em contato com as colagens criadas pelos estudantes, não apenas aquela menina na sala, mas muitos outros compartilharam histórias desconhecidas e disponibilizaram seus corpos para outras possibilidades. Imagens e estereótipos se desequilibraram. Corpos estremeceram. Ações de experimentação e criação com imagens contribuíram para que estivéssemos menos preocupados em representar, dar forma ou explicar como a vida se comporta, para nos permitirmos sermos atravessados pelo conjunto de forças, histórias, significados e processos sociais que vivem nos lugares em que habitamos, portanto seguimos criando.

Referências

¹ Procu-ro-me, 2001. Impressão a jato de tinta sobre papel algodão. Disponível em: <<https://gomide.co/artists/32-lenora-de-barros/works/7408-lenora-de-barros-procu-ro-me-2001/>>

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. 1.ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente. In: **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 5, n. 1 – pp. 11-26, 2010

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

MAGALHÃES, Renata. Colagem volta atrair artistas, ganha novos adeptos e invade as redes: Desenvolvida por ícones cubistas, as montagens estão fazendo sucesso na pandemia. In: **Veja Rio**, 18 set 2020. Disponível em: < <https://vejario.abril.com.br/cidade/colagem-tecnica/> >. Acesso em: 24/08/2025.

SANTA CATARINA. **Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense**: caderno 1 – Disposições gerais. Florianópolis: Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina, 2020.

SCHMIDLIN, Elaine; FAVERO, Sandra M. C. Escrever com o que fica e escapa em pesquisas. In: **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, v.16, e4, p. 01 – 13, jan./dez. 2023.

VARGAS, Herom; SOUZA, Luciano de. A colagem como processo criativo: da arte moderna ao motion graphics nos produtos midiáticos audiovisuais. In: **Revista Comunicação Midiática**, v.6, n.3, p.51-70, set./dez. 2011

WUNDER, Alik; MARQUES, Davina; AMORIM, A. C. R. Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons: forças e atravessamentos. In: **Visualidades**, Goiânia v.14 n.1 p. 104-127, jan-jun, 2016.